

PORTO ALEGRE, 5 DE JUNHO DE 1881

# REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 18

PARA A CAPITAL: Semestre 5\$000—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

## „JOSE DE ALENCAR“

A sociedade litteraria deste nome celebrou hontem solemnissima festa com a collocação na sala de suas sessões do retrato do distincto estadista José de Alencar.

Diversas associações se fizeram representar nesse acto, em que o merecimento do romancista, do poeta, do homem d'Estado, do principe emfim da penna e da palavra, foi destacado em sublime apothese.

Saudando a mocidade que na sua bandeira de combate pelo futuro das letras escreveu o nome laureado do immortal cearense, abrimos espaço ao discurso que ali proferio o Sr. Damasceno Vieira:

O „Parthenon Litterario“ associa-se de coração á vossa significativa festa.

O eminente escriptor, cujo nome tomastes por divisa, tornou-se digno da honra que lhe fazeis perpetuando o nos vossos annaes.

No romance, no drama, na poesia, na oratoria, em todos os ramos emfim de litteratura em que revelou-se com exuberancia a actividade doquelle grande espirito, deixou traços immortales para a historia patria.

O enorme vacuo que o seu desaparecimento causou á litteratura contemporanea ainda não foi preenchido, apesar de contar a geração actual talentos de elevado alcance, aptidões reconhecivelmente illustres.

Todas as nacionalidades apresentam homens que pela sua transcendencia intellectual tornão-se os typos symbolicos da geração em cujo seio

vivem na communhão das mesmas aspirações, no desenvolvimento das mesmas idéas.

Goethe, representando com todo o antigo mysticismo, a velha philosophia allemã; Byron, fazendo-se sonoro echo do scepticismo voltairiano que preponderava na sua epoca, o moderadamente Victor Hugo associando o seu genio a todos os nobres commettimentos em que se empenha a humanidade na sua luta sem treguas em prol do bem commum, retratão em indeleveis traços o adiantamento de que tem sido susceptiveis a Allemanha, a Inglaterra e a França.

Não é ousadia nossa collocar a par de tão robustos Prometheos do pensamento a José de Alencar como um symbolo da litteratura brasileira no seculo actual.

A posteridade, compulsando detidamente as suas obras, estudando-o em todas as brilhantes phases da sua vida de litterato, ha de dar-lhe na historia as dimensões de um vulto superior, digno de hobrear nas letras com as primeiras sumidades europeas.

Honra portanto á mocidade que sabe acatar com reverencia a uma gloria nacional tão merecedora dos nossos respeitos; honra a esta futura associação que ligando o seu nome ao do primeiro romancista brasileiro envolve-se nas irradiações de um dos mais rutilantes astros que tem illuminado o imperio do Cruzeiro.

Em nome do „Parthenon Litterario,“ em nome das letras brasileiras, salve, mocidade estudiosa e entusiasta!

Virentes louros enastrem as vossas frentes como recompensa aos esforços que empregais em prol da mais justa das causas e para que de mais glorias se circunde o prestigioso nome do autor do „Guarany“!

## POR DISTRACÇÃO!



Quando ella era menina, os pais temião  
Que lhes morresse breve.  
Era tão debil, descorada! . . e o corpo  
Tão franzino e tão leve!...

Lançarão mão dos tonicos. No campo  
Fizerão-na passear...  
Voltou-lhe a cor á face; e as formas puberes  
Puderão realçar.

Ficara-lhe, porém, o genio calmo  
Impressionavel, triste.  
Ah! foi por elle, sim, ó flor mimosa,  
Que nova ao chão cahiste.



Quando ella adoeceu, pendida a fronte  
Chorava occulta dor.  
Confessa então á mãe, á mãe somente,  
Desventurado amor.

Daquella dor profunda, agonisante  
Perante a narração,  
Responde o que a esquecera:— Eu namorei-a  
Mas só por distracção.

Porto Alegre — 1881.

A. C.



## A RUSSIA E A REVOLUÇÃO



### II

Emfim a hora chega.

O imperador, com a sua comitiva, aproxima-se do lugar da catastrophe, com aquella imprevidencia que até nos occulta a hora proxima da morte.

Rebenta uma bomba, varios cossacos caem mortalmente feridos e uma pobre creança de dez annos morre despedaçada entre as rodas do coche imperial.

O instincto de conservação impelle o cocheiro, que pretende a todo transe fugir d'ali.

O czar impõe-lhe que páre e fique, desce

dirige-se aos feridos afim de lhes prestar auxilio e soccorro.

No momento em que Alexandre II, compassivamente se inclina para contemplar a face contra-hida dos seus servidores, rebenta a segunda bomba, atirada com tamanha firmeza, que o conjuro do que o mata morre tambem, misturando o seu sangue com o da sua victima, talvez pela mesma razão que ambos elles estavam tão separados na alma e na consciencia!

Terrivel espectáculo!

A grande cidade tremeu, uma nuvem espessa envolve o theatro d'esta tragedia, as extensas toalhas de neve semelham vastos tapetes carmeziados, os feridos estorcem se nas agonias do soffrimento, ao lado dos que hirtos, lividos e fataes, se não podem erguer mais, a multidão correndo pressurosa em todas as direcções e o czar, o pontifice, o generalissimo, o semi-deus, sob cujas mandas tantas vidas se havião extinto e tantas cabeças havião caído dos hombros, o maior potentado da terra, pastor e amo de cem povos, estendidos humildemente a seus pés como um rebanho obediente, o czar com todo o seu poder, estava ali quasi exanimado com as pernas despedaçadas, o ventre aberto, revelando no arquejar do peito os primeiros estertores da agonia e na fronte as ultimas sombras da hora derradeira da sua tormentosa existencia!

Alguem da sua familia amparou-o e quiz levar-o para uma casa proxima, mas Alexandre comprehendendo tudo, faz um esforço supremo expressando o derradeiro pensamento, que se fez no seu cerebro quasi extinto, pede que o deixem morrer no palacio de seus avós e nos braços de sua familia!

Fazem-lhe a vontade.

Conduzido ao palacio do Inverno, deixa a sua passagem um rastro de sangue.

Não parecia um homem, parecia um montão de carne cortada a golpes de machado por um carniceiro.

O anel de casamento penetrára-lhe nas pernas, as pernas apenas se ligavão ao tronco, os intestinos saião irregularmente do ventre, a propria face, onde havia o sulco profundo de enorme desgostos, estava coberta de feridas feitas por pedaços de crystal dos tubos de dynamite.

Duas horas depois morria o czar.

Quatro assassinos são presos, Ryssakoff, que debalde tenta envenenar-se, outro que morreu a media seguinte á sua victima, outro que suicidou

que praticou o crime, mortalmente ferido e caído exanime antes do proprio imperador.

Não póde dar-se successão mais terrivel de es-pantosas tragedias.

Diante do cadaver do czar não queremos re- cordar nem os erros que Alexandre II praticou em sua vida, nem os crimes perpetrados em seu nome.

Teriamos de invocar a historia das violencias sobre a Polonia - os cossacos entrayão nas igrejas catholicas como os lobos esfaimados nos redis as-ustados; as creanças, as mulheres, os velhos, que ião, em enormes grupos, ajoelhar ante as aras santas implorando de Deus a paz dos mortos e a renurreição da patria, cahião fuzilados pelos sicarios russos, nunca fartos de carne, nem saciados de sangue.

A nação inteira soffreu o mais doloroso mar-tyrio.

E foi por isso, que ninguem estranhou, no meio da dôr universal pelo horrivel crime e da universal reprovação que provocou na consciencia humana, ninguem estranhou que os polacos da Austria não tivessem no parlamento uma pa- lavra de compaixão e de luto pelo czar.

Apezar d'isso o regicidio lava até as maiores maculas das suas victimas e reabilita os maiores culpados.

A linguagem dos homens nunca terá palavras bastantes para reprovár o crime, nem o coração humano bastante odio para aborrecel-o.

Assim, como oração funebre diante do cada- ver do czar, só póde recordar-se a emancipação dos servos, formosa pagina da sua historia.

Meditemos um pouco.

O que acaba de succeder na Russia commove e sobressalta.

Esta lucta de exterminio, entre o partido proscripto e um czar omnipotente, pertence a ou- tras éras diversas da nossa, como a outros dias pertencem, na vida do nosso planeta, os monstros de pedra encontrados nas antigas zonas geolo- gicas.

Imaginal que agora se erguem, sob nossos pés, o labyrintho das selvas carboniferas, desfilando pelas suas hastes os enormes regimentos de for- migas brancas e cegas, que combatião nas mar- gens dos oceanos betuminosos, á luz resplande- cente dos vulcões vacillantes; imaginae que vedes as rãs, de tamanho colossal, buscando através das aguas os primeiros alentos no ar caliginoso e rari- ficado; pois tudo isto, reunido em uma incrível

individualidade, é o czar, o pontifice, o general, a quem os seus vassallos chamão autocrata na linguagem dos servos !

Assim são tambem os planos tenebrosos, con- jurados parecendo duendes e phantasmas, as ex- plosões, catastrophes do universo, a perseguição de uns contra outros, tão sem consciencia e sem justiça como as mutuás e implacaveis luctas dos peixes na profundidade do abysmo, os palacios, os caminhos de ferro e as ruas destruidas pela polvora, erupções da tempestade, o destroço de creaturas humanas, cujos membros se despedação ao contacto d'esses projectis satanicos, como as pinturas tetricas, com que todos os theogonis nos descrevem as penas e os rigores do inferno.

Muito tem que ver as instituições quasi asia- ticas da Russia com estes crimes, que recordão as orgias de Sardanapalo, a tomada de Jerusalem, a ultima noite de Cleopatra, o incendio de Tyro, o vencimento de Carthago, as invasões de Attila.

Como dizia sensatamente um grande escri- ptor, o governo russo é o despotismo modificado pelo regicidio.

E o despotismo produz estes grandes crimes, como a agua estagnada e os miasmas paludosos as febres mortaes.

Assim, na antiga Roma da republica, morrião honrosamente os consules ou pelejando pela pa- tria ou firmes no seo posto no remanso da sua casa, emquanto, na Roma do imperio, o fundador d'esta instituição perecia sob o punhal dos tribu- nos, o astuto Augusto envenenado, talvez pelos proprios filhos nascidos de sua mulher Livia, Ti- berio estrangulado no seo leito pelos chefes do palacio, Caligula e Claudio, feridos pelos seus proprios pretorianos, Nero e Othão, victimas de um suicidio imposto pelas legiões, Galba e Viteiio arrastados pelas ruas da cidade eterna.

O crime produz naturalmente o crime.

Na Russia desde que se fundou a autocracia moderna, desde os tempos de Pedro, o Grande, os crimes succedem-se uns aos outros, com a mesma regularidade que os monstros coroados nos seus thronos elevados.

Todos os sentimentos da natureza humana se amortecem nesses corações durissimos, todás as vozes da consciencia se erguem c ntra a razão de estado, cuja ferocidade toca os extremos da ferocidade dos animaes carnivoros !

Nascer um principe no berço imperial, desti- nado desde o seo materno a governar sobre os homens, com uma coróa na cabeça e o direito ao

o poder na vida, é nascer para os carcereiros negros e húmidos como os sepulchros, cheios de dores intensas e terríveis como as penas eternas, objecto de odios ferozes, alvo de attenta dos continuos, victima do veneno e do punhal, quando o não é de conjurados, que vindo de regiões desconhecidas, como os sonhos sinistros, que nos assaltão nas noites agitadas dos pezadillos febris e nos estrangulão, asphixião e esmagão com a força de uma fatalidade implacavel.

Como ?

O pretorio em Roma, o harem em Constantinopla, a cõrte em S. Petersburgo, produzem todos esses seres, que habitão os palacios do despotismo, como as aves nocturnas nas ruinas solarengas e como as viboras venenosas nos desertos.

E não se quer acreditar que o despotismo é raiz dessa immensa arvore terrivel, que dá os fructos amargos do regicidio !

Os nihilistas tem a sua genealogia nos verdugos de Alexis, nos assassinos de Pedro III e de Paulo I, nos chacaes que despedação o corpo de Ivan, nos esbirros que Catharina I envia contra seus inimigos, nos prazeres suicidas de Catharina II, nos ratos que dentro dos calabouços, inundados pelo Neva devoravão vivas as pobres princezas do sangue dos Romanoffs, nas demencias crueis que acompanhão o despotismo e que lanção como reptis venenosos os despotas sobre a terra.

Não havião nihilistas na Russia, quando Pedro fazia assassinar os partidarios do filho e punha as suas cabeças no alto das torres.

Não se conhecião taes idéas na noite em que o fundador da monarchia autocratica dictava a sentença de morte contra seu proprio filho, o herdeiro do throno, e lhe fazia ministrar veneno em taças de prata.

Nenhum dos revolucionarios escrevera cousa alguma, antes daquella madrugada, em que o assassino do proprio filho levava sua mulher Catharina ao patibulo, onde Moens pagava com a vida os favores adulteros da imperatriz, erguida de serva até autocrata.

Orloff e Balafre, as que afogarão Pedro III em aguardente, não erão refugiados em Londres ou em Genebra, erão cortezaõs dos palacios imperiaes.

Nenhuma theoria revolucionaria preocupava os assassinos do ultimo herdeiro da linha recta dos Romanoff na sua prisão sepulchral.

Pahalen o assassino de Paulo I, estrangulado

com as bandas dos generaes, como os escravos sem senhor com as cordas dos azorragues, Pahalen só lera o livro da sua ordenança !

Vêde os reis constitucionaes, que desde a santa revolução succederão no throno de Inglaterra e os autocratas, que em igual periodo de tempo tem succedido no throno de todas as Russias.

Comparaes a morte de uns com a dos outros e dizei-me se é ou não verdade que o despotismo origina o regicidio.

Assim, hoje avultão pela Europa as versões mais particulares sobre a morte do czar.

Os agentes de policia forão elevados de mil a tres mil em S. Petersburgo.

Como, nada se soube ?

Crê a gente que os ministros do czar estavam com os conspiradores e que os proprios parentes do imperador fabricavão bombas regicidas.

E não pode duvidar-se que taes maquinações provenhão das regiões elevadas, onde o pensamento e a vontade se começam a manifestar mais activamente, e não das multidões quasi escravas, que se tem palavra, podem apenas usal-a e se tem vontade não sabem como querem nem o que querem, e se tem vida, limitão-n'a ao proprio individuo, á familia, como os animaes, ignorando no terreno do qual se alimentão, como os vegetaes sem consciencia, que existem a humanidade e patria !

O crime foi verdadeiramente horrivel.

Não tem reprovação bastante para estygmatisal-o a consciencia e a palavra humana.

É preciso descer até aos circulos da creatura onde reina a lucta animal pela existencia, para encontrar instinctos tão ferozes e tão vis.

Deus condemnou á esterilidade esses crimes e não tem querido que delles saia o bem.

Os martyres resignados tem feito mais por humanidade do que os carrascos exterminadores. As conquistas da espada cahirão, passageiras como as violencias, enquanto que a redempção pela cruz penetra em todos os carcereiros, despedaçando todas as cadeias, eterna como a justiça.

Um povo, revolucionado pelas suas liberdades, merece o auxilio de todos os corações generosos, como merece o anathema universal que julga aniquilar a tyrannia ferindo os tyrannos.

Reprovemos o crime, reprovando os criminosos, mas não consintamos, não, que se impoem ás idéas modernas os vicios das velhas instituições.

Sobre esses delictos se levantão os

ideias, como se levantão as estrellas sobre as trevas das nossas noites tenebrosas.

EMILIO CASTELLAR.

## UM RETRATO

Quem és tu? Quem és tu? És minha sorte  
És talvez o ideal que est'alma espera!  
És a gloria talvez! Talvez a morte!...

CASTRO ALVES.

Tua imagem graciosa  
Como a rosa,  
Descrever vou temeroso,  
Decantar quero os primores,  
Meigas flores  
De teu seio perfumoso!

Teus cabellos tão sedosos  
Mais cheirosos  
Que os perfumes do Oriente,  
Dão-te aos olhos seductores  
Taes fulgores  
Qual o astro mais fulgente!

A tu'alma doce e pura  
De candura  
Tão suave de encantar,  
Contém em si taes delicias  
E caricias  
Que não me é dado exaltar!

Teu semblante de um moreno  
Tão ameno  
Falla de amor em segredo,  
E teus labios feiticeiros  
Tão faceiros  
Soltão queixumes a medo!

E teu ser bello, elegante,  
Palpitante,  
E' da natura um primor;  
Fruir quizera o que encerras  
Cá na terra,  
Em tu'alma — sonhos de amor!

J. M. P. C.

Porto Alegre — 1881.

## O ADEREÇO DE ESMERALDA

Estavamos parados na rua de S. Jeronymo, defronte da livraria Duran, e liamos o titulo de uma obra de Mery.

Chamou-me a attenção o titulo exquisito, e fil-o notar tambem ao amigo que me acompanhava.

— O dia está lindo quanto pode ser, disse-me elle, mettendo-me brandamente o braço.

Vamos dar uma volta, e durante o passeio contar-te-hei uma historia, de que sou o heróe principal. Depois de ouvires, has de ver, não só como comprehendes o titulo, mas o justificas de modo mais facil do mundo.

Eu tinha bastante que fazer; mas como sempre estou a desejar pretextos para não fazer nada, aceitei a proposta, e o meu amigo começou a historia desta maneira:

Ha algum tempo, uma noite em que sahi a dar voltas pelas ruas, só com o fim de as dar, depois de examinar todas as colleções de estampas e de photographias dos estabelecimentos, de haver escolhido com a imaginação os bronzes com que adornaria salas e gabinetes; de haver passado, emfim, revista minuciosa a todos os objectos de arte e luxo [expostos ao publico por detrás dos illuminados crystaes dos mostradores, detive-me um momento diante da exposição de uma joalheira.

Não sei que tempo estive ali, a brindar com a imaginação todas as mulheres bellas, que conheço: a esta, um collar de perolas; áquella, uma cruz de brilhantes; a outra, uns brincos de ouro e ametistas; estava em duvida na occasião em que havia de offerecer, que o merecesse, um magnifico adereço de esmeraldas, tão rico como elegante, que entre todas as outras joias attrahia a attenção pela belleza e claridade das pedras, quando ouvi ao meu lado uma voz suave e dulcissima exclamar com inflexão tal, que subitamente me arrancou das minhas phantasias:

— Que formosas esmeraldas!

Voltei a cabeça na direcção daquella voz de mulher, — que só uma mulher podia fallar assim, — e vi, com effeito, uma rapariga lindissima.

Só me foi possivel contempla-a um momento; contudo, a sua belleza fez-me profunda impressão.

Á porta do joalheiro, donde tinha sahido, estava uma carruagem.

Acompanhava-a uma senhora de alguma idade, bastante nova para ser mãe, demasiado velha para ser amiga.

Apenas subirão para o carro, partirão, e eu fiquei esparvoado, a olhar até as perder de vista.

« Que formosas esmeraldas! » tinha ella dito; e, na verdade, as esmeraldas são bellissimas, aquelle collar, em volta da sua garganta de neve, havia de parecer uma grinalda de frescas folhas de almindro, salpicadas de orvalho; aquelle alfinete no branco seio, uma flor do lotus, quando se bailoica na mobil onda, coroada de espuma.

Sim, que formosas esmeraldas!

Desejal-as-ha acaso?

E se as deseja, porque não as possui?

Ella deve ser rica e pertencer á classe elevada: parece-me que vi um brazão na portinhola da carruagem elegante.

Indubitavelmente, ha um mysterio na vida daquella mulher.

Estes forão os pensamentos que me agitarão depois que a perdi de vista, quando nem ja o rumor do carro me chegava aos ouvidos.

E com effeito, na sua vida, ao parecer tão aprazível e invejável, havia um mysterio horrível.

Não te direi como; mas cheguei a penetrar-o.

Casada desde creança com um libertino, que depois de dissipar a riqueza propria, tinha procurado enlace vantajoso, como melhor expediente para dispendir outra alheia; modelo de esposas e de mãis, aquella mulher tinha renunciado até o menor dos seus caprichos para conservar á filha alguma parte do patrimonio, para manter exteriormente o nome de sua casa á altura que sempre o tinha tido na sociedade.

Fallão dos grandes sacrificios de algumas mulheres.

Eu creio que não ha nenhum comparavel, attenta a sua organização especial, ao sacrificio de um desejo ardente, em que se interessa a vaidade e o galanteio.

Desde o momento em que penetrei o mysterio da sua existencia, por uma dessas extravagancias do meu genio, todas as minhas aspirações se reduzirão a uma só: possuir aquelle maravilhoso adereço e presentear-lh'o, de maneira que ella não podesse recusar-o, de modo que nem sequer soubesse de que mão poderia vir.

Entre outras difficuldades que desde logo se apresentarão contra a realisacão da minha idéa, não era certamente a menor não ter dinheiro para comprar a joia; —nem pouco nem muito.

Não desesperarei, porém, do meu proposito.

« Aonde hei de ir arranjar dinheiro? » dizia eu commigo; e lembrava-me dos prodigios da *Mil e uma noites*, daquellas palavras cabalísticas, a cuja voz se abria a terra e se mostravão os thesouros escondidos, daquellas varinhas de tão grande virtude que, assim que tocavão nas rochas, fazião brotar das fendas um manancial, não de agua, que era pequena maravilha, mas de rubis, topasios, perolas e diamantes.

Ignorando umas, e não sabendo aonde achar a outra, decidi por ultimo escrever um romance e vendel-o.

Arrancar algum dinheiro da rocha de um editor, não deixa de ser milagre; mas realisei-o.

Escrevi um romance original, que agradou pouco, porque só uma pessoa podia comprehendel-o; para os demais, era apenas uma collecção de phrases.

Tinha por titulo, *O adereço de esmeraldas*, e levava somente as minhas iniciaes.

Como não sou Victor Hugo, nem cousa parecida, escuso dizer que pela minha novella não mereirão o que derão pela ultima que escreveu o autor de *Nossa Senhora de Paris*; mas, apezar de tudo isso reuni o sufficiente para começar a execução do meu plano de campanha.

O adereço em questão valia umas cem libras, e para auxilio contava ja com a respeitavel somma de trinta esterlinas.

Precisava jogar.

Joguei, e joguei com tanta audacia e felicidade, que em uma só noite ganhei o que necessitava.

A proposito de jogo: uma observação em que cada vez mais me confirmo.

Se uma pessoa aponta com firme tenção de ganhar, ganha.

Não nos devemos approximar do panno verde com a hesitação de quem vai tentar a sorte, mas com a segurança de que vem buscar alguma cousa que é sua.

De mim sei dizer que me surprehendia tanto perder naquella noite, como se em uma casa respeitavel me tivessem negado dinheiro ao apresentar-lhe um cheque de Rothschild.

No dia seguinte, dirigi-me ao joalheiro.

Pensas que, quando atirei para o balcão um punhado de notas, aquelles bocados de papel que representavão, quando menos, um anno de prazer, algumas mulheres formosas, uma viagem a Italia, champagne e bellos charutos á farta, —pe-

talvez que vacillei um momento?... Pois enganás-te, atirei-os com a mesma tranquillidade, com a mesma satisfação com que Buckingham quebrou o historico fio de perolas e as semeou pelas alcatifas do palacio da amante.

Comprei as joias e levei-as para casa.

Não podes imaginar nada mais bello do que aquelle adereço.

Não estranho que as mulheres suspirem alguma vez, quando passam pelas lojas que lhes offerecem aos olhos tão brilhantes tentações; não estranho que Mephistopheles escolhesse um collar de pedras preciosas como o objecto mais apto para seduzir Margarida; eu, com ser homem, desejava viver um instante no Oriente e ser um daquelles fabulosos monarchas, que cingem as fontes com um circulo de ouro e pedraria, para poder adornar-me com aquellas magnificas folhas de esmeraldas com flores de brilhantes.

Um gnomo, para comprar o beijo de uma sylphide, não lograria encontrar entre os numerosos thesouros que guarda o avaro no seio da terra, e que só elles conhecem, uma esmeralda maior, mais formosa, que a que brilhava, prendendo um lago de rubis no meio do diadema.

Dono ja do adereço, comecei a imaginar o modo de fazer chegar ás mãos da mulher a quem o destinava.

Ao cabo de alguns dias, e graças ao dinheiro que ainda me ficou, consegui que uma das suas criadas graves me promettesse collocar-o no seu guarda-joias; afim de assegurar-me que por ella não viria a saber-se da origem do brinde, dei-lhe quanto me restava, umas libras insignificantes, com a condição de que, mal pozesse o adereço no lugar convencionado, retirar-se-ia immediatamente para outra cidade.

Com effeito, assim o fez.

Julga qual não seria a surpresa de sua ama quando, depois de notar o seu inesperado desaparecimento, e desconfiando que talvez lhe fugisse de casa levando alguma cousa, encontrou na gavetinha d'uma commoda o magnifico adereço de esmeraldas.

Quem é que lhe tinha adivinhado o pensamento?

Quem é que suspeitara que ainda se lembrava do vez em quando com um suspiro magoado, d'aquellas joias.

Passou tempo. Sabia que ella conservava o brinde, que tinha feito grandes diligencias para averiguar qual era a sua origem, e comtudo

nunca a vi adornada com elle. Despresaria a offerenda? Ah!—dizia eu,—se soubesse quanto merito tem essa dadiva! se soubesse que não vale menos que a daquelle amante, que no rigor do inverno empenhou a capa para comprar um ramo de flores! Talvez julgue que vem da mão d'algum poderoso, que se pode apresentar um dia, caso o recebeu, a reclamar-lhe o preço! Como se engana!

Uma noite de baile, colloquei-me á porta do paço, e confundido entre a multidão, esperei a carruagem para a ver. Quando chegou, e desceu do estribo, radiante de formosura, ergueu se um murmurio de admiração

As mulheres olhavam a com inveja, os homens com ardente tentação; a mim escapou-me um grito surdo e involuntario. Levava o adereço de esmeraldas.

Aquella noite deitei-me sem ceiar; não me recordo se porque a commoção me tinha tirado a vontade, se porque não tinha quê; em todo o caso, era feliz. Durante o somno julguei perceber a musica do baile e vê-la crusar ante os meus olhos lançando raios de mil côres, e até me parece que valsei com ella.

A aventura das esmeraldas tinha-se espalhado, sendo objecto, quando appareceu na gaveta da secretária, das conversações dalgumas damas elegantes.

Depois que se vio o adereço, não havia ja lugar para duvidas; e os ociosos começaram a commentar o facto. Ella gozava de reputação immaculada. Apezar dos desvarios do marido e do desamparo em que a tinha, nunca pôde a calumnia elevar-se até o alto lugar que lhe derão as suas virtudes; todavia começou a soprar nesta occasião o *venticello* por onde ella começa,—conforme canta D. Bazilio.

Um dia em que eu estava n'uma roda de rapazes, fallou-se das famosas esmeraldas, e um enfatuado disse por fim, como que terminando a questão:

— Não ha voltas a dar-lhe: essas joias têm origem tão vulgar como todas as que neste mundo se dão a uma mulher. Ja lá vai o tempo em que genios invisiveis punhão maravilhosos presentes debaixo do travesseiro das bellas, e hoje em dia, quem manda uma dadiva desse valor, é com esperanza de recompensa... se acaso a recompensa não foi cobrada antecipadamente!

Irritarão-me as palavras do nescio, e irritarão-me, sobretudo, porque acharão echo nos que

as ouvirão. Não obstante, contive-me. Que direito tinha eu a quebrar lanças por aquella mulher ?

Não tinha ainda passado um quarto d'hora, quando se me offereceu ensejo de contradizer o que a tinha injuriado. Não sei a que proposito o contradisse, o que posso assegurar é que o fiz com tanta aspereza, por não dizer grosseiria, que de resposta em resposta chegamos ao desafio. Era o que eu desejava.

Os meus amigos, que me conhecião o genio, admiravão-se não só de que eu tivesse provocado um duello por causa tão futil, senão tambem do meu empenho de não dar nem admittir explicações de genero algum.

Bati-me; com felicidade ou sem ella, não sei, pois se ao disparar vi cambalear um momento o meu adversario e cahir na terra, um instante depois senti que me zumbião os ouvidos e se me escurecião os olhos. Tambem estava ferido, e gravemente ferido no peito.

Levarão me para a minha pobre habitação, com uma febre espantosa... Não sei os dias que assim permaneci, chamando em altas vozes não sei por quem... por ella, sem duvida. Teria valor para soffrer em silencio toda a vida a troco de obter á beira da sepultura um olhar de gratidão; morrer, porém, sem lhe deixar ao menos uma recordação minha !

Atormentavão-me a imaginação estas idéas, n'uma noute de insomnia e ardor impertinente, quando vi abrir as cortinas da minha alcova e entre ellas apparecer uma mulher. Julguei que sonhava, mas não. Aquella mulher aproximou-se do meu leito, do pobre e abrasado leito em que me estorcía de dor, e levantando o véo que lhe occultava o rosto, deixou ver uma lagrima, — uma perola ! — rolando nas faces...

Era ella !

Ergui-me, com os olhos espantados, ergui-me e...

N'este momento chegava á livraria Duran.

— O que ? exclamei ao ouvir estas disparatadas palavras do meu amigo : pois não estavas ferido e de cama ?

— De cama ? Ah ! que diabo .. Tinha-me esquecido advertir-te que vim, pensando em tudo isto, desde a casa do joalheiro (aonde com effeito vi o adereço de esmeraldas e ouvi a a exclamação que te referi, da bocca duma mulher formosa), até á rua de S. Jeronymo, onde um encontrão d'um moço de pao e corda me tirou da abstrac-

ção, em frente da casa do Duran, em cuja monturei reparei n'um livro de Mery, com este titulo „Histoire de ce qui n'est pas arrivé,“ — „Historia do que não aconteceu“. Entendes agora ?

Quando ouvi este desenlace não pude conter uma gargalhada. Realmente, não sei de que tratará o livro de Mery ; mas agora comprehendo como, com aquelle titulo, se podia escrever um milhão de historias, qual dellas a melhor.

GUSTAVO BECKER.

## QUANDO EU MORRER...



Oh ! minha loira adorada,  
Quando eu morrer, algum dia...  
— Quero fiudar a agonia  
Ao romper da madrugada...

Junto a mim tu, recostada,  
Chorando triste e sombria...  
— E a minha frente, ja fria,  
No teu collo abandonada ..

Depois que o céo contemplar,  
Lançar-te um ultimo olhar...  
Com todo o amor de outr'ora.

Assim... que morrer tão santo !  
— Banhado pelo teu pranto  
E pelos prantos da aurora...

J. RODRIGUES.

## EXPEDIENTE



Recebemos :

O *Conservador*, *Telephone*, *Labaro e Typographo*, da capital.

A *Descentralisação*, da Cruz-Alta.

A *Discussão de Pelotas*.

A *Gazeta de Campinas*.

O *Cachoeirano*, do Cachoeiro do Itapemirim

\* \* \*

Toda a correspondencia da *Revista* deve ser dirigida ao escriptorio do *Jornal do Commercio*